

PRIMEIRAS CONSULTAS REGISTRADAS A ROMANCE NA BIBLIOTHECA NACIONAL E PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO (1833-1840)

Débora Cristina Bondance ROCHA¹

RESUMO: Em meados do Oitocentos no Rio de Janeiro, a circulação de livros já era intensa. Além das livrarias, era possível comprar livros em lojas não especializadas ou consultá-los em uma das diversas instituições de leitura da cidade que surgiram ao longo deste século. Dentre estas ganhava destaque a Bibliotheca Nacional e Pública (atual Biblioteca Nacional), tanto pela quantidade de obras, quanto pelas ilustres visitas de estrangeiros que recebia. No período de 1833 a 1856 os bibliotecários da instituição passaram a registrar o nome de cada consulente e quais títulos eram solicitados, tendo em vista a manutenção do acervo. Neste artigo, visamos analisar brevemente a preferência de leitura com relação ao novo gênero – o romance – entre 1833 e 1840 nesta casa de leitura.

Palavras-chave: biblioteca; leitura; leitores; romance; século XIX

ABSTRACT: In the mid-nineteenth century in Rio de Janeiro, the circulation of books was already intense. In bookstores, it's possible to buy books in non-specialized stores or consult them in one of several institutions of reading the city that emerged throughout this century. Among those, the Bibliotheca Nacional e Pública (nowdays known as Biblioteca Nacional) that was gaining prominence, both the amount of books, as the distinguished foreign visits that received. In the period 1833 to 1856 the librarians of institution began to register the name of each consultant and what books were required in order to maintain the collection. In this article, we aim to briefly examine the reading preferences in relation to the new genre – the novel – between 1833 and 1840 in this library.

Keywords: library; reading; readers; novel; 19th century

1. Um pouco de história

Com a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808, ocorreram importantes mudanças políticas, econômicas e sócio-culturais. No que diz respeito ao último aspecto citado, foi significativa a transferência para os trópicos da Real Bibliotheca da Ajuda de Portugal, que posteriormente teve seu nome alterado para Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro (atual Biblioteca Nacional). A instituição era considerada a “Alfaia preciosa da Coroa”, conforme revela o Estatuto da Real Bibliotheca de 1821.

Nesta biblioteca real, que se tornou pública, a prioridade no que tange à composição do acervo parecia se distinguir das demais instituições de leitura que surgiram ao longo do Oitocentos no país. Visando atrair um público cada vez maior, estas instituições apostavam em obras de caráter popular ou obras necessárias ao trabalho de seus frequentadores.

¹ Mestranda em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. A discente realiza a pesquisa “Biblioteca Nacional e Pública do Rio de Janeiro – um ambiente para leitores e leituras de romances (1833-1856)” com apoio financeiro da Fapesp sob a orientação da Profa. Dra. Márcia Abreu.

Enquanto isso, a Bibliotheca Nacional e Pública ostentava o poder da realeza com livros, o que significava adquirir obras de prestígio, por vezes raras, com ricas encadernações, ornadas de gravuras, obras com altos custos de produção e compra pelo bem simbólico que representavam (BOURDIEU, 1989 e 1996; CHARTIER, 1999).

Contava ainda com inúmeras doações, inclusive de títulos que já tinham sido censurados pela coroa, e foi beneficiada por resoluções e leis que garantiam que ao menos um exemplar de todas as obras impressas em terras brasileiras fosse doado à Biblioteca (SCHWARCZ, 2002). O romance, gênero estudado nesta pesquisa por estar em processo de consolidação no Brasil em meados do século XIX, não ocupava essa categoria distinta.

A qualidade do papel e o formato dos livros deste gênero, em geral, obedeciam às regras de menor custo, buscando atingir mais e mais pessoas. Tentando seguir a proposta de Darnton (*In*: BURKE, 1992) ao unir história e teoria literária, esta pesquisa procura analisar esse ambiente tão singular de mediação de leitura a partir da história de sua instalação no Brasil, seu acervo e, principalmente, por meio de dados coletados dos “Códices de Consulta Pública”. Este documento foi criado em 1833 pelos funcionários da casa, com vistas a minimizar as perdas que o acervo vinha sofrendo.

Para isso, eram registrados os nomes dos frequentadores e os títulos por eles pedidos. O procedimento foi mantido até 1856 e resultou em uma fonte riquíssima de informações para a história do livro e da leitura, composta de quatorze livros. Em geral, os códices apresentam dados padronizados. No início de cada dia era escrito o nome da instituição, seguido do dia da semana e a data com dia, mês e ano. Abaixo, em duas colunas, era relacionado, à esquerda, o nome dos “senhores” que frequentavam a instituição e, do lado direito, as obras requisitadas. Diferentes caligrafias são encontradas ao longo de cada um dos “Códices de Consulta Pública”, às vezes até no mesmo dia, o que aponta para a existência de mais de um funcionário responsável pelo serviço.

Sem delongas sobre os processos pelos quais passaram a instituição e seu acervo, vamos conhecer as preferências de leitura de romance na instituição ao longo dos sete primeiros anos de registro.

1.1. O gênero romance

Considerando que a poesia e o teatro eram os gêneros mais prestigiados naquela época, tudo levava a crer que tais gêneros teriam sido as leituras preferidas em um espaço institucionalizado. E foi este motivo que levou a cogitar se haveria consultas a romances na instituição e quais seriam os títulos requeridos, pois o gênero ainda não era bem visto por

todos em meados do Oitocentos (AUGUSTI, 2006; VASCONCELOS, s/d).

Determinados aspectos faziam com que o romance não agradasse boa parte da crítica, que encontrava problemas relacionados à moral (também vinculada aos bons costumes, os quais alguns romances traziam exemplos nocivos à boa conduta exigida na época), à utilidade (uma vez que ler romance seria uma perda de tempo), à estética (pois tais obras estragariam o gosto, uma vez que não seguiam as normas da poética e da retórica) e à ética (a leitura de romance corromperia a virtude) (ABREU, 2003, PP.265-289):

A perda de tempo nem sempre é o maior perigo oriundo dos maus Romances. Neles, estragamos o gosto, criamos falsas idéias de virtude, encontramos imagens obscenas, sujeitamo-nos sem perceber; e nos deixamos amolecer pela linguagem sedutora das paixões, sobretudo quando o autor soube emprestar-lhes as cores as mais graciosas. (BRUZEN DE LA MARTINIÈRE, 1731, pp. 189-190. Apud: ABREU (org.), 2002, p.257.)

Não eram apenas os estrangeiros que não viam com bons olhos este gênero novo que envolvia os leitores por meio da “linguagem sedutora das paixões”. No Brasil também havia representantes da crítica contrária à leitura de romance, como o Padre Lopes Gama (1793-1852). O responsável por *O Carapuceiro – Periódico sempre moral e só por accidens político* definia seu jornal como “... um periódico que se dirige a corrigir os vícios ridículos.” e ironiza a futilidade da mulher ligada à leitura do gênero, no excerto a seguir:

Em que se há de entreter esta santinha a noite inteira? Oh, essa é boa! E para que se compuseram as *Mil e uma noites*, os *Mil e um quartos de hora*, as *Adelaides*, o *Menino da selva*, as *Joaninhas*, e tantas novelas, cuja nomenclatura talvez exceda às bibliotecas do Vaticano e do Escorial? Em ler esses bons mestres de moral, na aquisição dessas idéias eróticas entretém-se a menina (muito proveitosamente) até meia-noite, hora da ceia, e daí para a cama. Em que se ocupa esta senhora toda a sua vida? Em nada. (...) E sendo tão versada em novelas sentimentais, terá adquirido a habilidade de fazer charadas? Talvez que alguma *mademoiselle* Brumont Iha tenha ensinado. (GAMA, 1996, pp. 197-198. Apud: SILVA, 2003)

Por outro lado, apesar de o romance não estar entre os gêneros previstos pela poética e pela retórica, alguns críticos o aproximavam da épica e assim o inseriam na considerada alta tradição literária. Este fator pode ter contribuído para que o romance deixasse de ser uma leitura não recomendável para alguns. Somado a isso, tal vertente crítica acreditava que o romance teria um efeito educativo. Por meio de uma leitura agradável o novo gênero instruiria os leitores, guiando suas atitudes a partir dos bons exemplos de moral que os romances traziam, ou ainda, deixando-os atentos para possíveis tentações, no que se refere a romances

cujos personagens deixaram se levar pelo pecado. (ABREU, 2003, pp.298-310)

Estes entre outros motivos faziam com que esse gênero fosse considerado como uma leitura fácil e de entretenimento e não fosse bem visto por determinadas pessoas. (AUGUSTI, 2006; VASCONCELOS, s/d) Rechaçado da categoria de obras consagradas pela maior parte da crítica no início do século XIX, o romance buscava seu espaço e paulatinamente conquistava cada vez mais o público leitor. Ao que parece não eram apenas os jovens, grande parte destes estudantes, e as mulheres o público alvo desses romances, como afirmava Lopes Gama e consta nas histórias literárias atuais². Haveria, então, leitura de romance em uma instituição voltada ao estudo de “objectos mais serios”? (Estatuto da Real Bibliotheca do Rio de Janeiro. 1821) Seriam mulheres (naquela época muitas vezes subordinadas aos pais ou ao marido) estes consulentes que procurariam um gênero, em geral, pouco valorizado em uma instituição como a Biblioteca³, com todo seu poder simbólico sustentado por prateleiras de livros e pela proteção dos muros do império?

2. Primeiras leituras de romance registradas na Biblioteca (1833-1840)

Nos sete primeiros anos em que as consultas na instituição passaram a ser registradas nos “Códices de Consulta Pública” foram solicitados aproximadamente 230 títulos de Belas Letras, totalizando 1.789 requerimentos. Deste total, 724 (40,46%) foram para pedidos dos 47 (20,43%) títulos de romances consultados. Seja pela possibilidade de o acervo não possuir uma variedade de títulos de romance muito grande na instituição em relação a outros ambientes de leitura ou pela facilidade em adquirir uma obra deste gênero pelo baixo custo em relação aos demais livros, os dados indicam que tais leitores buscavam pelos mesmos romances.

Assim, o romance se tornou uma das leituras de Belas Letras mais apreciada na

² Bosi parece acreditar que o público leitor era guiado pelas motivações de classe e de grupos os quais estavam inseridos. Sendo assim, os ideais e as frustrações destes grupos sociais estavam ligados com o tipo de leitura ficcional que viriam a escolher. Nas palavras do crítico: “O romance romântico dirige-se a um público mais vasto, que abrange os jovens, as mulheres e muitos semiletrados; essa ampliação na faixa dos leitores não poderia condizer com uma linguagem finamente elaborada nem com veleidades de pensamento crítico: há o fatal ‘nivelamento por baixo’ que sela toda subcultura nas épocas em que o sistema social divide *a priori* os homens entre os que podem e os que não podem receber instrução acadêmica. O fato é que o novo público menos favorecido busca algum tipo de entretenimento sendo o folhetim o que melhor responde à demanda e melhor se estrutura no seu nível.” (BOSI, 1975. P.112). Em relação especificamente ao público do romance romântico brasileiro Bosi afirma: “O romance romântico brasileiro dirigia-se a um público mais restrito do que o atual: eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias: era, enfim, um tipo de leitor à procura de *entretenimento*, que não percebia muito bem a diferença de grau entre um Macedo e um Alencar urbano.” (*Idem*. Pp. 141-142). Endossando esta ideia, Candido refere-se aos estudantes da época como integrantes da geração de escritores e público de romances, sobretudo a partir da década de 40 do Oitocentos. (CANDIDO, 1975. Pp.47-50.)

³ Utilizarei o termo biblioteca grafado inicialmente com letra maiúscula quando referente à Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro.

Biblioteca. Tanto que dos cinco títulos mais pedidos de Belas Letras (*Les Mille et une nuits*, *Histoire de Gil Blas de Santillane*, *Les Aventures de Télémaque*, *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo* e *Le Voyager François*) as três primeiras posições foram ocupadas pelo romance.

No período que compreende 1833 a 1840, a lista dos cinco títulos de romance mais requerido por aquele público foi: 1º *Les Mille et une nuits* (91 pedidos), 2º *Histoire de Gil Blas de Santillane* (83), 3º *Les aventures de Télémaque* (75), 4º *Les Sultanes de Guzarate, ou Les songes des hommes évillés. Contes Mogols* (65) e 5º *Pamela, or Virtue Rewarded* juntamente com *Novelas Orientais, por um sábio da Pérsia* (38).

2.1. *Les Mille et une nuits*

Já em meados do Oitocentos esta obra era referência em listas de requisições de livros no Brasil. De acordo com a pesquisa de Abreu, a obra não apareceu entre os dez títulos de Belas Letras mais pedidos em requisições submetidas à censura portuguesa com destino ao Rio de Janeiro entre 1769 e 1807. Contudo, foi o segundo título mais solicitado em requisições posteriores, ocorridas de 1808 a 1826, juntamente com *Selecta Latini Sermonis*, com 55 pedidos. (ABREU, 2003, pp.90 e 107)

Além disso, foi a obra mais pedida ao longo dos sete primeiros anos da existência dos “Códices de Consulta Pública”. Em 1835 e 1836 foi o título de Belas Letras mais requisitado, sendo o romance mais solicitado também em 1847, o que demonstra a permanência da obra no gosto do público da Biblioteca por mais de uma década, possivelmente sendo um sucesso por pelo menos meio século no Brasil.

A história original de **Les Mille et une nuits** é de origem árabe e é conhecida como *Aif laila wa-laila*. A adaptação ocidental foi feita primeiramente em francês entre 1704 e 1717 por Antoine Galland. Pelo que se sabe, quase um século depois, em 1801 ocorreu a primeira tradução para o português, realizada por Luiz Caetano de Campos.

A procura pela obra em uma instituição que se pretendia voltada aos estudos sérios como a Biblioteca talvez possa ser justificada pelo fato de que esta obra contava como uma boa crítica. Até alguns críticos que não viam com bons olhos o gênero romance a julgavam apropriada para aqueles leitores que buscavam uma obra divertida e ainda assim moral:

Barbier e Desessarts, que não gostavam de romances, elogiavam fortemente *Mil e uma noites*, acreditando que não havia romance “mais engenhoso, mais variado, mais agradável e mais divertido que as *Mil e Uma Noites*. (BARBIER e LE MOYNE DESESSARTS (1808-1810). Apud: ABREU,

2003, p.333.)

É possível que a engenhosidade deste romance se devesse por ser uma obra cuja atemporalidade das histórias prenda a atenção de leitores de qualquer época. Estes contos populares, provenientes do oriente médio e sul da Ásia, foram compilados em árabe a partir do século IX. Como toda obra de origem popular há várias versões deste conjunto de histórias conhecido inclusive por leitores desde século.

Segundo Grotzfeld, a tradução do francês foi baseada em um dos mais completos e antigos manuscritos que narra esta história, o qual contém três volumes e 282 noites. As versões diferem no número de noites (tanto que a primeira versão em português já tinha oito volumes e provavelmente algumas noites a mais) e também com relação aos fatos das mesmas histórias. Assim, alguns críticos consideram-na uma obra inacabada, cujo número “mil e um” demonstra um número infinito de noites e, portanto, de histórias – acrescentadas em novas versões, talvez pela expectativa do público leitor.

Dentre as características comuns às várias versões destacam-se o conto-prólogo e a forma como os contos estão organizados. O fio condutor são as histórias contadas por Sherazade ao rei Shariar. Porém, uma série de histórias em cadeia nasce desta. E todos os personagens se tornam contadores de histórias, as quais, em geral têm um fundo moral e pedagógico. (NAGHAN, 1990, p.59)

E tudo começa com um mal que pairou sobre os reis de origem da Sassânida. Depois de ser traído pela mulher, o irmão de Shariar (Shazaman) foi visitá-lo. Shariar vendo o irmão triste sem revelar o motivo, indagou o porquê de sua tristeza, mas este se manteve em silêncio. Dias depois, Shariar encontrou o irmão menos angustiado e ao saber a razão ficou pasmo: seu irmão havia descoberto que sua esposa o traiu com um escravo em meio a orgias com outros escravos. Ciente disso, o rei Shariar matou ambos os traidores e passou a desposar uma virgem por noite. Para ele, nenhuma mulher era digna de confiança e por isso matava as virgens que tinha possuído depois de seu primeiro e único encontro de amor.

O plano do rei deu continuidade por três longos anos, até que a própria filha do vizir – uma espécie de conselheiro do rei (Sherazade) – convenceu o pai de entregá-la a Shariar. No reino quase não havia mais jovens virgens e, na tentativa de que a atitude do rei mudasse, Sherazade articulou um plano com sua irmã. A sábia jovem pediu a Dinarzad que esta provocasse uma contação de histórias todos os dias nos aposentos de Shariar. Contando histórias maravilhosas e encadeadas acerca de diversos temas, Sherazade passou anos ao lado de Shariar. Isto porque a filha do vizir revelava o final da história, que sempre tinha uma lição

de conduta, apenas no dia seguinte. Assim, ela capturava a curiosidade do rei e o fazia refletir sobre seus atos. Já arrependido do que havia feito, Shariar desistiu de executá-la e a tornou definitivamente sua mulher.

É possível que estas pequenas lições de moral ao fim de cada história (seja o contador a jovem Sherazade, seu pai – o vizir, o próprio rei, o médico ou outros personagens) também fizessem com que o leitor refletisse sobre valores que podem ser considerados universais. E justamente este apelo moral revelado a cada história contada, somado à curiosidade da circularidade da obra que visa histórias sem fim, que pode ter feito com que este romance se tornasse um dos mais procurados na instituição e no Rio de Janeiro em geral.

2.2. *Histoire de Gil Blas de Santillane*

Quarto título de Belas Letras mais solicitado em requisições submetidas à censura portuguesa com destino ao Rio de Janeiro entre 1769 e 1807, segundo análises de Abreu, e o terceiro entre 1808 e 1826.

Na Biblioteca, foi a segunda obra mais pedida entre 1833 e 1840, além de ter sido o título solicitado na Biblioteca em 1833 e 1849, conquistou o lugar de romance mais requerido também nos anos de 1842, 1843 e 1849.

Alain René Lesage escreveu a considerada novela picaresca **Histoire de Gil Blas de Santille** em francês. A obra foi publicada 1715 e 1735. A primeira tradução em português se deu em 1797, realizada em quatro volumes, pelo poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage.

É curioso notar a advertência que inicia o livro, o que parece refletir um pouco sobre o que se pensava dos leitores deste tipo de leitura na época:

Como há pessoas que são incapazes de ler, sem fazer identificações dos caracteres viciosos ou ridículos que elas encontram nas obras, eu declaro a esses leitores maliciosos, que eles errarão se buscarem identificar os retratos que estão no presente livre [sic]. Eu faço uma declaração pública: eu não me propus nada além de representar a vida dos homens assim como ela é. Deus não queira que eu tenha tido o propósito de designar alguém em particular. (Lesage, 1759, página não numerada. Apud: ABREU, 2003, pp.338-339.)

Antecipando a interpretação de alguns leitores, que podiam confundir a ficção com o mundo real, escritores de romance justificavam sua obra ao dizer que apenas passavam para o papel fatos que tinham ouvido falar ou relatos que receberam por escrito. Esta era uma tática bastante comum na época, pois podiam isentar-se da culpa pela moralidade ou não da obra, justificando a moralidade ou direcionando o leitor para uma interpretação moral da obra, caso esta tivesse um personagem cuja conduta fosse avessa a esperada, por exemplo.

Embora a origem linguística do romance seja francesa, a história se passa na Espanha e conta a história do pobre Gil Blas. Nascido em Santillana Del Mar (na Cantábria), o menino é criado por um tio. Tendo bons resultados ao longo de seu estudo em Oviedo, deixa a cidade aos 17 anos para seguir seus estudos na Universidade de Salamanca. Entretanto, no meio do caminho vira refém de alguns ladrões e quando consegue ser solto acaba se tornando criado. Gil Blas se adapta facilmente às situações, muda constantemente de patrão e isso colabora para que pouco a pouco suba degraus sociais, chegando a ser secretário do primeiro ministro e alguém apreciado pelo rei.

Ao longo desta jornada, Gil Blas tece críticas aos grupos sociais espanhóis – representados pelas pessoas com as quais o personagem conviveu. Talvez este tenha sido um dos motivos que levou Lesage a escrever a advertência inicial, pois os leitores poderiam querer descobrir quem eram as pessoas que correspondiam àqueles personagens do romance na sociedade espanhola, o que não fazia sentido de acordo com os escritos do próprio Lesage.

Para os leitores em terras brasileiras esta tarefa de identificar os personagens poderia não ser tão fácil, “pela distância entre a situação narrada e aquela vivida por eles – o que, entretanto, não impediu o livro de ser um dos mais procurados no Rio de Janeiro.” (ABREU, 2003, p.339), sobretudo na Biblioteca.

2.3. Les Aventures de Télémaque

Terceira obra mais requerida na década de 30 dos registros dos “Códices de Consulta Pública”. Além disso, foi o título mais pedido entre as solicitações submetidas à censura de Portugal com destino ao Rio de Janeiro tanto entre 1769 e 1807, quanto de 1808 a 1826. Na Biblioteca ocupou o posto de o mais pedido em 1838, ano em que o romance-folhetim invade a cena carioca.

Les Aventures de Télémaque de François de Salignac de la Mothe-Fénélon foi lançado em 1699 em Paris. A primeira tradução em português data de 1765, dois volumes em verso, realizada pelo bacharel Joaquim José Caetano Pereira e Sousa. Dois anos mais tarde foi traduzido pelo capitão Manoel de Sousa, uma versão também composta de dois volumes impressa em Lisboa, a qual teve inúmeras traduções e reedições. (ABREU, 2003; MARTINS, 2004)

A história narra as aventuras de Telêmaco, filho de Ulisses, em busca de seu pai, o rei de Ítaca, que mesmo após ajudar os gregos a vencerem a guerra de Tróia não retornou a casa. A mulher de Ulisses, Penélope, estava sendo pressionada pelos nobres para que se casasse novamente, com vistas a reestabelecer a ordem na cidade, o que segundo eles decorria de ter

um bom governo (representado pelo marido de Penélope). É neste contexto que Telêmaco sai em busca do pai com Mentor, seu tutor, que era a deusa Minerva sob a forma de um velho. Depois de encontrar-se com Nestor e Menelau, reis de Pilos e da Lacedemônia, respectivamente, os quais lutaram com Ulisses na última guerra, pistas levaram o jovem Telêmaco para Sicília, onde talvez seu pai tivesse sido levado pelos ventos. A saga de Telêmaco ao longo desta busca é narrada neste romance, em que o mais novo herói passa por lugares e situações ora hostis, ora que colaboravam com sua procura. (MARTINS, 2004, p.3)

Nos bastidores desta história fala-se que Fénélon a escreveu com vistas a tornar o mundo grego mais interessante ao indisciplinado filho de Luís XIV, de quem era preceptor. (ABREU, 2003, p.128) De acordo com o próprio escritor, ele não sabia que a infidelidade de um copista levaria à impressão da obra, que, quando publicada, tornou-se um sucesso. Inicialmente voltada a um público infantil, a obra ganhou também o interesse dos leitores adultos,

(...) superando os limites didático-moralizantes em que foi concebida, tornando-se leitura praticamente obrigatória da nobreza, que viu no texto uma dissimulada ironia em relação à corte e ao soberano, identificando pessoas reais sob a máscara dos diferentes personagens. (ABREU, 2003. P.129.)

O sucesso de público na Europa, bem como a possível identificação de personagens com a sociedade real com a qual convivia, no entanto, parece não ter agradado Luís XIV. Ademais, além de transmitir noções de história e geografia a cada parada de Telêmaco em um novo lugar e trazer trechos explicativos acerca da cultura clássica, o romance oferecia ao futuro rei uma formação moral e política direcionada, seguindo os princípios do arcebispo de Cambrai – contrário aos princípios seguidos pelo governo de Luís XIV, o que provavelmente contribuiu para a ira do rei. (MARTINS, 2004, pp.3-4)

Mesmo que o gênero escolhido por Fénélon ao escrever a saga de Telêmaco ainda não fosse bem visto pela maioria dos críticos, a maneira como o escritor o construiu conquistou o público em geral. Esta característica de instruir seus leitores ao passo que o romance emerge, tal como outra obra apreciada pelo público da Biblioteca – **Les Mille et une nuits**, fez com que este se tornasse uma leitura útil e, assim, apreciada por parte da crítica contrária a romance.

Da mesma forma que **Les Mille et une nuits**, **Les aventures de Télémaque** teve seus defensores, que viam este romance como pertencente à tradição do gênero épico, tal como Luís Antonio Verney. Vale ressaltar que a primeira publicação da obra veio à luz

anonimamente e no próprio título referia-se como continuação do quarto livro da Odisséia de Homero – *Suite du quatrième livre de l’Odyssée d’Homère ou les Aventures de Télémaque*. Críticos como Verney utilizaram-se desse artifício para elevar a origem de um gênero, como o romance, rebaixado por críticos que não o viam enquadrar-se nos preceitos da retórica e da poética. (ABREU, 2003, p.172; MARTINS, 2004)

Márcia Abreu destaca que esta obra foi apreciada por indivíduos bastante distintos, como o futuro escritor José de Alencar, que preferia Telêmaco e Voltaire a Balzac. (ABREU, 2003, pp.136-137) O padre português Agostinho José de Macedo, o qual parecia acreditar que o mundo sem livros (sobretudo sem romances) traria paz aos maridos, salvaria apenas os títulos *Argenis*, de Barclay, e **Les aventures de Télémaque**, em sua lista de obras.(ABREU, 2003, p.282)

O sucesso de romances que visavam instruir os leitores com conteúdos e escritos clássicos e edificá-los, tendo como objetivo comportamentos virtuosos, tal como as aventuras do jovem Telêmaco, inspirava outros escritores. A obra de Fénelon foi modelo para o êxito de *O feliz independente do mundo e da fortuna, ou a arte de viver contente em quaisquer trabalhos da vida*, do padre Theodoro e Almeida. Abreu constatou que o oratório padre Theodoro de Almeida afirmou que “tom[ou] por modelo o Grande Arcebispo de Cambrai no seu Telemaco, em que com a suavidade do nectar encantador da poesia, se dão as máximas mais salutíferas para os costumes” (ABREU, 2003, pp.313-315). Uma prova desse sucesso foi a frequente consulta na Biblioteca, tendo sido o sétimo romance mais solicitado na casa entre 1833 e 1840.

Outro título que obteve bons resultados sob a perspectiva do público tendo como modelo a história de Telêmaco foi *Voyage du Jeune Anarcharsis en Grèce*, de Jean-Jacques Barthélemy. Um pouco menos popular que *O feliz independente* na Biblioteca, a obra também foi requerida em alguns anos, concorrendo com os demais romances desta categoria na predileção dos leitores da instituição.

2.4. *Contes Mogols*

O quarto título mais solicitado na Biblioteca entre 1833 e 1840 não aparece na lista dos dez mais pedidos em requisições portuguesas com destino ao Rio de Janeiro entre 1769 e 1807, e de 1808 a 1826. (ABREU, 2003, p. 90 e 107) Mas no ano de 1837 foi a obra mais consultada na Biblioteca.

O original **Les Sultanes de Guerazate, ou es songes des hommes eveillés. Contes Mogols** foi publicado em Paris em 1732 por M. G. A tradução da obra para o português

(*Contos do Mogol, ou os mil e hum serões que contém os sonhos dos homens acordados ou os Sultanos de Guzerate*) se deu entre 1800 e 1803. Segundo Balbi, o autor é T. S. Gueullette.

Até o presente momento não descobrimos maiores informações sobre esta obra.

2.5. *Pamela, or Virtue Rewarded*

O romance de Samuel Richardson aparece em quinto lugar na lista de mais pedidos nos sete anos iniciais de existência dos códices, com um número de solicitações bastante inferior com relação ao título que o antecede. Nunca foi o mais pedido na casa e também não apareceu na lista dos dez títulos mais solicitados à censura portuguesa com destino ao Rio de Janeiro, conforme aponta a pesquisa de Abreu.

Pamela, uma donzela “modesta e recatada”, de origem humilde, vive um drama ao perceber que seu amo (denominado protetor da menina pela já moribunda e virtuosa mãe do moço, que estava prestes a morrer) tentava manchar sua virtude. Desconfiada de si mesma, a personagem luta para não cair em tentação, mesmo diante de sua “paixão cega” por este mesmo homem, que excedia no uso de seu poder e riqueza, embora tivesse uma boa criação. Na tentativa de instigar a moralidade na obra, a jovem criada desejaria antes perder a vida do que a castidade. Com um caráter indubitável, a cândida menina passa a lição aos leitores de que o pudor prevalece sobre homens viciosos e corrompidos, uma vez que convenceu seu amo acerca do valor de suas virtudes. A recompensa diante das tentações foi o casamento com aquele que ama, transformando-o em um marido virtuoso. Na segunda parte da história, Pamela ensina as jovens leitoras os caminhos para tornar-se uma excelente esposa e mãe, abdicando de luxos.

A história editorial de **Pamela** começa com uma primeira edição anônima em novembro de 1740. Em fevereiro do ano seguinte, a obra inglesa foi revisada e lançada com o nome de Richardson, contendo uma inédita introdução. Já no ano seguinte uma tradução de Abbé Prévost fez com os leitores que não dominassem a língua francesa tivessem acesso a obra. (ABREU, s/d) A primeira versão em português teve dois volumes e foi traduzida livremente do inglês, “rezumida e acomodada” ao português por D. Felix Moreno de Monroe y Ros em 1790, sendo reeditada em 1807.

Contada na forma de romance epistolar é considerada um dos romances antigos formadores do gênero moderno. Alguns críticos vêem na obra além do caráter moralizador das cartas, que extirpava o vício e enaltecia a virtude, um esboço de introspecção psicológica da personagem principal. Foram estes motivos que fizeram de **Pamela** um romance inaugural no sentido de, através da ficção, ser possível passar aos leitores ideias filosóficas, preceitos

religiosos e a moralidade imprescindível para a época. (ABREU, s/d)

Ao contrário do posicionamento favorável do censor João Guilherme Cristiano Müller, que inclusive via na forma de narrar escolhida por Richardson uma vantagem, outros eruditos consideravam a conduta da personagem escritora ardilosa. Acreditavam que Pamela teria agido de modo calculista com o objetivo de seduzir seu amo e obter o que almejava. Quem parecia compartilhar desta perspectiva era Fielding, que escreveu *Shamela*, com vistas a ironizar a pureza da personagem de Richardson. (ABREU, s/d)

Enquanto isso, o censor parecia acreditar que inclusive o modo de narrar escolhido por Richardson era uma vantagem, pois as cartas da personagem diziam mais do que se o romance tivesse outro narrador. O único incômodo de Müller era com respeito ao excesso de detalhamento na obra, o que, segundo ele foi sanado pela tradução de Monroy y Ros. Não se esquecendo que naquela época “Os tradutores permitiam-se amplas liberdades em seu trabalho, de modo que o texto final poderia ser bastante diferente do original, o que torna relevante considerar cada uma das versões como uma obra distinta.”. (ABREU, 2003, p.217)

Independente da interpretação do romance que os consulentes da Biblioteca possam ter feito, vale ressaltar novamente o caráter dos livros mais solicitados na instituição. Em geral, obras bastante populares na Europa, que tiveram críticas positivas mesmo daqueles que não julgavam estilisticamente adequado o gênero, mas que, sobretudo, tiveram boas críticas no que tange à moral.

2.6. *Novelas Orientais, por um sábio da Pérsia*

Recebendo os mesmos 38 pedidos que **Pamela, or Virtue Rewarded**, esta foi a quinta obra mais requerida na Biblioteca entre 1833 e 1840. Nunca esteve entre as dez primeiras posições da lista de requisições submetidas à censura portuguesa com destino ao porto carioca, mas foi o romance mais pedido na Biblioteca em 1853.

Não se sabe muito sobre esta obra, anunciada à venda por livreiros na Gazeta do Rio de Janeiro entre 1808 e 1821, segundo pesquisas de Nizza da Silva, que acredita que se trate de novela ou conto, conforme afirma o próprio título da obra. (SILVA, 1977)

2.7. *Considerações finais sobre a consulta de romances de 1833 a 1840*

De modo geral, este primeiro período de registro a consultas na Biblioteca foi marcado pela leitura de romances cujas críticas referentes à moral e ao que diz respeito à forma de composição da obra foram positivas, mesmo sob os olhares dos detratores de romance.

Também foi possível notar uma queda na leitura de romance na instituição a partir de

1838, com a chegada do romance-folhetim na corte. Contudo, o título de Belas Letras mais solicitado neste ano na instituição foi justamente um romance já há tempos muito requerido, **Les aventures de Télémaque**. Uma justificativa possível para este fato é de que os romances folhetins veiculados em periódicos eram histórias morais, mas que não necessariamente tinham um fundo instrutivo no que diz respeito à mitologia clássica latina e grega, tal como alguns dos romances mais pedidos neste período. Tal temática podia ser uma preferência dos leitores que frequentavam a Biblioteca.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Azevedo de. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

_____. (org.) **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2002, p.257.

_____. **CENSURA LUSITANA: uma pré-história da crítica de romance**. P. 4. Consultado em 10/03/2010 no site www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/censura.pdf

AUGUSTI, Valéria. **Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista**. Tese de Doutorado defendida no Instituto de Estudos da Linguagem. Orientador: Prof^a Dr^a Márcia Azevedo de Abreu. UNICAMP: Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas (SP), 2006. Não publicado.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 2ª edição, 5ª impressão. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

BOURDIER, Pierre. **O poder simbólico**. (Trad.: Fernando Tomas) Rio de Janeiro; Lisboa, Portugal: Bertrand Brasil: DIFEL, 1989.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. (Trad.: Maria Lucia Machado) São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5ª edição. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

CHARTIER, Roger. (Trad.: Maria Manuela Galhardo). **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Lisboa: Difel.1999.

DARTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

GROTZFELD, Heinz. **The manuscript tradition of the Arabian Nights in The Arabian nights encyclopedia**, vol 1. ABC-CLIO,2004. Disponível em [http://books.google.com.br/books?id=EMKSYqUQ4QcC&pg=PA18&dq="syrian+branch"+"thousand+nights"&cd=1#v=onepage&q=%22syrian%20branch%22%20%22thousand%20nights%22&f=false](http://books.google.com.br/books?id=EMKSYqUQ4QcC&pg=PA18&dq=). Acesso em 24 de janeiro de 2010.

NAGHAN, Neuza Neif. **As mil e uma noites e o saber tradicional - Das narrativas árabes à Literatura Popular Brasileira**. Tese apresentada ao Departamento de Línguas orientais da FFLCH/USP. São Paulo. 1990.

MARTINS, João Paulo. **História e romance: a ideia de história em 'Aventuras de Telêmaco' e as relações entre o texto histórico e a prosa ficcional na passagem dos séculos XVII-XVIII**. Texto apresentado no I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Acesso em 04 de fevereiro de 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 2a reimpressão.

SILVA, Hebe Cristina da. Padre Lopes Gama e o romance no Brasil. Texto apresentado no II Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, promovido pela Associação de Leitura do Brasil. Campinas/SP: UNICAMP, 22 a 25 de julho de 2003. Disponível no cd-rom com os Anais do COLE 2003.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. **Primeiras impressões: romances publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)**. Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Teoria e História Literária. Orientadora: Profa. Dra. Márcia Azevedo de Abreu. Campinas, 2007. Não publicado.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **A Formação do Romance Brasileiro (1808 - 1860) Vertentes inglesas**. Disponível em www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br. Acesso em 23 de abril de 2007.

Fonte:

Estatuto da Real Bibliotheca do Rio de Janeiro. 1821. Consultado no site: www.unicamp.br/memoria

Códices de Consulta Pública da Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro. 1833-1856. Ms./BN I- 4, 16, 7-20.

Obras literárias:

Pamela Andrews, ou a virtude recompensada. Traduzida livremente, resumida e acomodada a Linguagem Portuguesa. Dr. Felix Moreno Monroy. Oficina de Joaquim Thomas de Aquino: Lisboa, 1799. Disponível em: www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/biblioteca/0091/index.htm. Acesso em 30 de janeiro de 2010.